

Santa Bárbara, uma igreja de Ponta Delgada



Igreja de Santa Bárbara, interior

A Igreja de Santa Bárbara, existente em Ponta Delgada, fazia parte do recolhimento com o mesmo nome, fundado no século XVII por Roque Teixeira Fonseca e sua mulher Maria Esteves. Ali viverem recolhidas e professoras, vestindo hábito branco, que se regiam de acordo com as regras da Ordem de Santo Agostinho, nele havendo a dada altura mais de trinta senhoras, algumas com crianças e criadas. Era o maior dos três recolhimentos que existiram na cidade, a par com os da Trindade e de Santana.

A actual igreja de Santa Bárbara é uma reconstrução do séc. XVIII, provavelmente erigida entre 1737 e 1743, segundo refere Nestor de Sousa na sua obra *A Arquitectura Religiosa de Ponta Delgada* nos séculos XVI a XVIII (Ponta Delgada, 1986), tendo a sua decoração interior se prolongado até pelo menos 1764, data inscrita em cartela no cimo do arco do triunfo da capela-mor. Com uma estrutura similar à de todos os conventos femininos, apresenta o coro e o sub-coro de frente para o altar-mor e a porta principal numa das paredes laterais, o que facilitava a assistências das recolhidas à missa e outros officios religiosos. Na sua decoração predomina a talha, com o altar-mor - da invocação de Santa Bárbara - em estilo joanino, a dourado e vermelho, enquanto nos laterais - onde figuram duas telas, uma com Nossa Senhora da Piedade e a outra representando São Pedro e o milagre de

Jesus caminhando sobre as águas - impera uma policromia a azul, ocre e branco, ao gosto popular. Essa coloração dos altares laterais, que se repete no arco do triunfo da capela-mor, no púlpito e ainda na cimalha e nas moldurações dos vários vãos, dá à igreja um peculiar aspecto, simples e despojado.

Para além destes, na parede poente, existe ainda um altar dedicado ao Trânsito de São José. Localizado em frente à porta principal, o retábulo de feição barroca, em talha prateada e policromada, encerra um alto-relevo figurando a morte do santo que lhe dá o nome. Instituído por José Nunes de Carvalho, por escritura de 26 de Junho de 1770, a sua execução procedeu esta formalização, pois numa cartela inserida sobre a mesa do altar reza “CAPPELLA DO TRANZITO DO SENHOR SAO JOZE ANNO DE MDCCLXIII”. Da sua feitura pouco se sabe, apenas Ernesto do Canto, na *Notícia sobre as igrejas, ermidas e altares da ilha de São Miguel*, refere que “É uma primorosa obra de talha em alto relevo, cujo risco veio de Itália”. O episódio retratado não tem fundamentação bíblica, mas a devoção popular consagrou-o como protector dos moribundos e da Boa Morte.

A imagem de Santa Bárbara que preside ao altar-mor, em madeira dourada e policromada, datável do século XVIII, representa a santa na sua iconografia habitual, de pé, ricamente vestida com a pal-

ANTÓNIO PACHECO/MUSEU CARLOS MACHADO



Fachada



Altar-mor



Santa Bárbara (escultura, col. Museu Carlos Machado)

ma do martírio numa das mão e uma torre na outra. O culto da santa, cujo dia se celebra a 4 de Dezembro, é muito vulgar nos Açores, com várias igrejas e altares dedicados a esta virgem mártir. A tradição cristã conta que viveu anos encerrada numa torre e que, por se recusar a renegar a sua fé, foi supliciada pelo próprio pai, que logo terá sido fulminado por um raio, qual castigo divino. Eis porque a devoção popular recorre a ela para protecção durante as tempestades e

Santa Bárbara e a trovoada

“Valha-nos Santa Bárbara luz divina”, era a exclamação - logo seguida de uma fiada de Pai-Nossos e Ave-Marias - que aflorava aos lábios das gentes, quando viam o relâmpago que pronunciava o ribombar do trovão. A tempestade, identificada como sinal de ira divina, atemorizava o comum mortal e o recurso a um santo que intercedesse junto a Deus para aplacar os céus que desabavam era necessário.

Ela é também evocada no romanceiro popular açoriano: “Virgem/Se vestiu e calçou/Pelos caminhos do Senhor andou/Encontrou o Senhor/o Senhor lhe perguntou/Ó Barbara tu onde vais?/Ó Senhor, eu ao Céu vou/Desmanchar a trovoada/Que Vós lá tendes armada/Pois vai Barbara/deita-a ao monte Maninho/Onde não haja pão nem vinho/Nem abafado de menino/Nem pedrinha de sal/Nem coisa a que faça mal/Ámen”. ♦

PEDRO PASCOAL
INSTITUTO CULTURAL DE PONTA DELGADA
pedro_pascoal@hotmail.com

os artilheiros a adoptaram como padroeira para os proteger de toda a explosão que possa causar a morte.

O recolhimento de Santa Bárbara, como instituição social, sobreviveu até cerca de 1980, altura em que as últimas recolhidas abandonaram o edifício. Cedido então à Região Autónoma dos Açores, foi reconvertido em extensão do Museu Carlos Machado, após as necessárias obras de requalificação. Especial atenção foi dada à igreja, que sofreu uma profunda intervenção de conservação e restauro, completada em 2011, altura em que reabriu ao público como parte integrante do circuito museológico.

Em 1980, o edifício do recolhimento de Santa Bárbara foi classificado como Imóvel de Interesse Público, pela Resolução n.º 98/80, de 16 de Setembro. ♦

ANA FERNANDES
MUSEU CARLOS MACHADO
Ana.mr.fernandes@azores.gov.pt

PROMOTOR



Governo dos Açores

SECRETARIA REGIONAL DA EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E CULTURA
Direção Regional da Cultura